

# Biografia, narrativa e política: um debate lusitano.<sup>1</sup>

Wilton Carlos Lima da Silva

(Doutor, Professor Assistente, UNESP – Assis)  
wilton@assis.unesp.br

“A realidade  
Sempre é mais ou menos  
Do que nós queremos.  
Só nós somos sempre  
Iguais a nós próprios.”  
(Ricardo Reis)

## Introdução

Entendo como “biografismo” as práticas narrativas que envolvem a seleção, descrição e análise de uma trajetória individual a partir de diversos enfoques e metodologias que permitem sua incorporação através do romance histórico, das memórias pessoais (autobiografias e testemunhos), da literatura escolar e das biografias propriamente ditas.<sup>2</sup>

Nos interessa em particular as biografias, narrativas sobre a vida de um indivíduo através de diferentes modelos discursivos, e que despertam amplas discussões sobre suas possibilidades teóricas, a legitimidade de seus métodos, suas ambições historiográficas, e seus vínculos com a cultura de massas.

---

<sup>1</sup> Esse artigo é resultado de um período de estágio de pesquisa, entre dezembro de 2010 e fevereiro de 2011, realizado no CEIS20, Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, da Universidade de Coimbra, graças ao Programa de Mobilidade Internacional da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UNESP. Cabe agradecer à supervisão da Profa. Dra. Maria Manuela Tavares Ribeiro e aos Professores Doutores Heloisa Paulo, Ernesto Carneiro Leal, Fernando Martins, Fátima Sá, Magda Avelar Pinheiro, Luis Nuno Rodrigues e Luis Reis Torgal, que de forma generosa concederam entrevistas para esta pesquisa, e ao apoio do CNPq, através da concessão de recursos para o Projeto de Pesquisa “Vida póstuma de um ilustre desconhecido: a construção biográfica de Clóvis Beviláqua (1859-1944)”.

<sup>2</sup> BOAS (2006, p. 21) cita a forma de classificação das biografias de Luis Viana Filho – as dividindo entre “simples relação cronológica de fatos relativos à alguém”, “trabalhos no quais, ao par duma (sic) vida, se estuda determinada época”, “trabalhos nos quais à descrição duma (sic) existência se conjugam apreciações críticas sobre a obra do biografado”; e “trabalhos em que a narração da vida constitui o objetivo primacial” – e a convenções e pressupostos “ocidentais” do gênero para Norman Denzin – “1) textos biográficos devem ser escritos tendo-se ‘outros’ textos biográficos em mente; 2) dar importância às influências de gênero e classe; 3) estabelecer origens familiares como ‘o ponto zero’ da história da pessoa em foco; 4) o autor deve interpretar a história da pessoa; 5) demarcar momentos da vida em questão a fim de atingirem uma ‘coerência’; e 6) pessoas são reais e possuem vidas reais que podem ser ‘mapeadas e significadas’.”

Ao mesmo tempo em que as biografias se tornam um fenômeno editorial e um campo revalorizado pela historiografia contemporânea tal fato tem sido pouco estudado no meio acadêmico, ou seja, a crescente demanda sócio-cultural pelas publicações de natureza biográfica, no qual intelectuais, políticos, aventureiros, cientistas, poetas, escritores e artistas passam a ser alvo da curiosidade pública sobre esses indivíduos ou sua época na esperança de encontrar no outro um reflexo de si mesmo, assim como a forma como o “biografismo” é exaltado, vilipendiado e exercido nomeio acadêmico, não têm sido encaradas como objetos.<sup>3</sup>

A produção bibliográfica de biografias históricas, ou seja, produzidas por historiadores, possui um volume relativamente tímido – quando comparado com outros biografismos criados em obras que, a partir de metodologias e enfoques semelhantes na produção historiográfica, como o romance histórico, as memórias pessoais, a literatura escolar e as biografias de caráter literário, no sentido estreito do termo, e que tradicionalmente vinculam-se a uma popularização da história, a busca de um relato extraordinário e a criação de uma pedagogia moral e cívica,.

A construção de uma biografia exige o diálogo com as diferentes formas de controle simbólico do tempo e da individualização nas sociedades humanas, na busca de traduzir uma experiência de duração e estruturas imaginativas que relacionam uma vida e suas relações com a cultura na qual se insere uma “vida póstuma” na qual mortos e vivos dialogam a partir das heranças dos primeiros e das carências dos segundos.

De qualquer forma, a biografia como objeto de estudo permite a discussão sobre os vínculos sociais e históricos que se relacionam com a forma como o personagem teve sua obra e sua trajetória lembrada ou esquecida ao longo do tempo, sua vinculação com diferentes grupos e movimentos, a produção editorial, acadêmica e jornalística, o envolvimento de instituições, da promoção de diferentes eventos e de acontecimentos específicos, além de caracterizando-a como documento, mídia e manifestação política e cultural.

---

<sup>3</sup> Uma revista semanal brasileira, em 1995, já apontava o crescimento desse segmento no mercado editorial, que só perdia para as publicações de “auto-ajuda” – tanto que entre julho de 1994 e julho de 1995 haviam sido lançados 181 biografias no país, o que significa uma a cada dois dias, e quatro a cada semana (VEJA, 26/07/1995), fenômeno similar ocorre na Inglaterra, na França e nos EUA, onde a tradição de biografias está consolidada a muito mais tempo.

Diversos estudos apontaram e discutiram o biografismo, desde suas origens literárias, seus vínculos com o subconsciente, suas relações com o individualismo, os aspectos formais e literários dessa forma de narrativa, suas ligações com a indústria cultural, entre sentenças seguras sobre seus muitos vícios e poucos méritos.<sup>4</sup>

A biografia como objeto de análise oferece muitas questões a serem respondidas: os limites da idéia de verdade e de representação, o papel social do mito, as relações entre público e privado, as ligações entre a narrativa e sua época, entre diversas outras.

Em particular nos interessa aqui o debate acadêmico entre dois historiadores portugueses, Antonio Manuel Hespanha e Maria de Fátima Bonifácio, sobre história e narrativa e que colocam o biografismo como polo de disputa.

### **Biografia, teorias e polêmica intelectual**

O biografismo, as práticas inseridas na escrita biográfica, já foi definido como a “história de uma só pessoa” e ainda recebe reticências e reservas de alguns historiadores e cientistas sociais, como se falar de indivíduos fosse calar sobre assuntos mais urgentes e grandes injustiças.<sup>5</sup>

No entanto, a biografia enquanto relato é o resultado de memórias (ou mesmo esquecimentos) coletivos, individuais e sociais, constantemente negociadas e

---

<sup>4</sup> O artigo já clássico de BOURDIEU (1996) sobre as construções da narrativa biográfica e do peso da trajetória no percurso individual é lembrança obrigatória quando nos referimos aos vícios do gênero, ao falar de “ilusão biográfica” e “criação artificial de sentido”. Mas Bourdieu, original em seu argumento, não é único ou pioneiro em sua crítica – Freud, em carta-resposta a Arnold Zweig, expaciente, amigo e correspondente do psicanalista, que lhe pedia autorização para escrever uma biografia do pai da psicanálise recusa de forma enfática o pedido: “Aquele que empreende uma biografia está comprometido com mentiras, dissimulação, hipocrisia, disfarces, bajulação... A verdade biográfica não existe...” (Carta de Freud a Arnold Zweig, citada por Ernest Jones, biógrafo oficial do psicanalista, apud YORKE, Clifford. “Review: Anna Freud: A Biography By Elisabeth Young-Buehl”, In: *The International Journal of Psychoanalysis*, no. 71, 1990, p. 167).

<sup>5</sup> CHAUSSINAND-NOGARET (1993, p. 96) identifica as reservas ao biografismo pela sua suposta vinculação “mais sensível à cronologia do que às estruturas e aos grandes homens do que às massas”, e aponta as limitações desse preconceito afirmando o valor de diferentes abordagens do enfoque biográfico que permitiriam considerável ampliação de alcance analítico, como a prosopografia, a biografia coletiva, a micro-história ou ainda o refinamento da biografia de notáveis para além do culto ao herói, da comemoração estéril ou de um conjunto respeitoso de imagens. LEVILLAIN (1996) atribui o renascimento do interesse pela biografia a partir de certas mudanças conjunturais do final do século XX, a saber, crise de grandes modelos explicativos, o questionamento das ideologias, a valorização do individualismo e o descarte de uma completa inteligibilidade do real.

processadas, com vínculos com mitos, saberes, fazeres e tradições que se corporificam a partir de relações particulares com o tempo e o espaço, que não são simplesmente atos de resgate, mas de reconstrução do passado a partir de referenciais atuais.

Quando tomamos o biografismo como objeto, somos obrigados a nos aproximar de forma imediata de um problema central na interpretação cultural, ou seja, a necessidade de incorporação em qualquer reflexão nesse campo sobre os diferentes ritmos e a multiplicidade de tempos vividos no interior do sistema cultural, para assim explicar a construção de significados e os processos de ressignificação de personagens e trajetórias na construção desses “monumentos narrativos”.

Por sua vez, DIGNEFFE (2005, p. 206-210) afirma que o biografismo enfrenta inevitavelmente alguns desafios teórico-metodológicos bem delimitados: romper com a oposição entre indivíduo e sociedade; compreender as relações “dialéticas” ou de “circularidade” entre o ponto de vista subjectivo do indivíduo e a sua inscrição na objectividade de uma história; perceber a mudança contínua de modelos de conduta para o desenvolvimento de uma empatia com os outros em termos históricos; superar os limites das estatísticas, das regularidades objetivas e os determinismos macrossociológicos; e reconhecer a dimensão social na experiência individual.

As dinâmicas da historiografia lusitana, na qual a biografia não detém um status privilegiado, colocaram o gênero biográfico no centro de uma intensa polêmica ao longo da década de 90, ao mesmo tempo em que o número de biografias crescia significativamente, e um número expressivo destas iam se tornando publicações acadêmicas ou comerciais.

Se o fim do Estado Novo consolidou a influência metódica dos Annales também favoreceu a disseminação de um marxismo vulgar, no qual as abordagens macro-estruturais dominantes eram de tal forma simplistas, esquemáticas e generalizantes que um dos caminhos de ruptura com essa tradição se dará pela valorização da micro-análise e do individualismo, na qual a biografia se tornará um modelo privilegiado.

Esse embate teórico também traz junto a si uma outra questão, ou seja, as matrizes intelectuais (pensadas aqui não só como fonte de teorias e métodos, mas também de temas e abordagens) que orientaram os seus participantes, e que torna

possível a percepção de uma matriz francesa e uma matriz inglesa<sup>6</sup>, nas quais o debate parece em alguns momentos como o degladiar entre uma história social e uma história narrativa tal qual o contraste proposto por STONE (1979) e a polêmica suscitada por seu artigo.

STONE (1991) identificava uma crise interpretativa na historiografia a partir das fragilidades de três de seus grandes paradigmas vigentes entre a década de 30 e 70, a saber, o economicismo marxista, o quantitativismo demográfico francês e a cliometria americana, o que estaria levando historiadores frustrados com as limitações explicativas desses modelos a revalorizarem os acontecimentos e a narrativa.<sup>7</sup>

A vocação provocativa de STONE é demonstrada pela frase que abre o seu artigo quando afirma que os historiadores sempre contaram “estórias” (“stories”), e defende a perspectiva de que o historiador deveria incorporar ao rigor metodológico a preocupação com o estilo, estabelecendo uma relação obrigatória entre conteúdo e forma, e aproximando de forma intencional historiografia e ficção.

Um das dimensões do debate sobre a narrativa em Portugal adquire um vínculo direto com o gênero biográfico, a partir de um texto bastante polêmico publicado por Maria de Fátima Bonifácio em 1991, intitulado “O abençoado retorno da velha história” e que reverbera as questões colocadas por STONE.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> MENDES (1994, p. 23) aponta a influência dessas formações de historiadores portugueses “nas suas concepções historiográficas e nos respectivos trabalhos”, citando Vitorino Magalhães Godinho e Miriam Halpern Pereira como exemplos da influência francesa, e Maria Filomena Mônica e Jaime Reis, da inglesa. Atualmente a narrativa e o biografismo em Portugal, mesmo em artigos da mídia, está mais identificado com historiadores que seriam portadores de uma herança inglesa.

<sup>7</sup> Outros autores, mais ou menos influenciados pelas teorias da literatura e da linguagem, também já haviam lançado considerações sobre tal questão, como Paul Veyne (*Comment on écrit l'histoire : essai d'épistémologie*, 1970), que afirmou o inevitável vínculo entre história, narrativa e literatura, através das escolhas que o historiador estabelece em seu enredo explicativo, ou Peter Gay (*Style in History*, 1974), que a partir do estudo dos estilos de Gibbon, Macaulay, Ranke e Burckhardt afirma o sincretismo entre ciência e arte na historiografia. Mas Lawrence Stone publica seu artigo (“The Revival of Narrative: Reflections on a New Old History”, 1979) na *Past and Present*, uma tradicional e prestigiada revista vinculada ao marxismo acadêmico, e cria polêmica tão acentuada que no número seguinte Eric Hobsbawm escreve uma resposta às suas críticas (em artigo que se tornou um capítulo de seu livro *On History*, 1997).

<sup>8</sup> TORRAL, MENDES e CATROGA (1996, p. 417-418) apontam a influência dos historiadores Lawrence Stone, inglês, e Gertrude Himmelfarb, norte-americana, no debate teórico-metodológico sobre a narrativa, sendo que a temática do “retorno da narrativa” em Portugal tem destacado dois historiadores: Maria de Fátima Bonifácio e Nuno Severiano Teixeira, embora com diferentes perspectivas. TEIXEIRA (1988) propõe uma conciliação entre a história social e as ciências sociais em relação a uma nova história política, enfocando de maneira ampla e multidisciplinar tanto o nível

Nesse texto, entre o ensaio e o manifesto, tanto que não tem notas ou bibliografia e seu estilo é quase coloquial, BONIFÁCIO (1993) traça considerações sobre a historiografia em geral e o caso português em particular, com amplo uso de ironias e de provocações, o que vai se tornar uma marca de seus trabalhos sobre o tema.

Repudiando a aproximação da História com as Ciências Sociais BONIFÁCIO (1993) identifica um enfraquecimento explicativo quando

“os historiadores então, em vez de tentarem explicar o papel do indivíduo na história da maneira que lhes é própria e natural — a saber, narrando situações históricas concretas —, passaram, também eles, a dedicar-se ao exercício especulativo de solucionarem teoricamente o mais intratável problema das ciências sociais: como detectar a estrutura no processo de devir; como discernir entre «história incorporada» e inovação radical; como resolver o «dilema da acção humana», simultaneamente («simbioticamente») determinada e indeterminada; como atacar este «fulcro inamovível na análise sociológica». Do labor conjugado das várias disciplinas das ciências sociais resultaram inumeráveis teorias sobre quais sejam as relações entre a longa duração e o acontecimento, entre sincronia e diacronia, entre a sociedade e o indivíduo, entre acção e estrutura. Quer dizer, proliferaram tentativas de explicação genérica e generalizável sobre o modo como estes termos antinómicos interagem e sobre o grau em que interagem; como e quanto se influenciam, condicionam e determinam reciprocamente; quantas instâncias medeiam a determinação, e em que exacta medida o fazem, até à última instância...” (p. 624)

Dessa forma afirma o primado da História como instrumento de explicação do singular, enquanto as Ciências Sociais só seriam capazes de explicar o geral, pois “o concreto, o singular, o contingente, a acção, o acontecimento, o indivíduo e os indivíduos subsistirão sempre como campo de conhecimento específico e típico da história e, por definição mesma, como campo essencialmente impermeável à ciência social.” (BONIFÁCIO, 1993, p. 625)

Segundo a autora, quando a História aceitou os referenciais das Ciências sociais ela adoeceu, e a cura se dará pelo

“ressurgimento da narrativa e, com ele, a ressurreição da história como disciplina pertencente ao clássico campo de estudos denominado por «humanidades», que, voluntária e explicitamente, rejeita um estatuto de cientificidade para as suas preocupações e os seus produtos. Com o ressurgimento da narrativa reabilitam-se os temas tradicionais e típicos da história, pela razão de que a narrativa é a única forma adequada para responder àquelas perguntas que são tipicamente as perguntas do historiador.” (BONIFÁCIO, 1993, p. 625)

---

macro quanto micro, enquanto BONIFÁCIO (1991 e outros) radicaliza sua proposta em direção ao descarte da dimensão sócio-estrutural, e como afirma uma posição privilegiada da biografia em tal projeto, são seus artigos e a concepção de biografia nele contidos que são alvo de apreciação no presente trabalho.

A partir de um certo momento do artigo BONIFÁCIO (1993, p. 627-628) defende a história como uma disciplina literária, sem possibilidade de cientificidade, elencando as ilusões de cientificidade que esta teria adquirido das diversas ciências sociais e lhe custado a perda da capacidade explicativa:

“Pessoalmente, desejaria que a história se assumisse como disciplina literária e se libertasse da tirania científica das ciências exactas, exercida por intermédio das ciências sociais<sup>1</sup>. Destas recebeu tantos, tão novos e tão variados objectos que ficou sem saber qual era o seu objecto próprio. Hipnotizada pelo rigor e neutralidade dos números e da quantificação, chegou a desejar a possibilidade de reduzir todas as suas asserções à pureza lógica de uma equação matemática. Fascinada pelo modelos de interpretação simbólica da antropologia, entusiasmou-se com o estudo dos fenômenos mais instintivos ocorridos nas sociedades passadas, escassa ou até insuficientemente documentados. Maravilhada com a sofisticação terminológica das ciências sociais, a história-ciência social banuiu o seu vocabulário próprio em benefício de um hermetismo que, tornando os seus produtos apenas acessíveis aos iniciados, a deixou, uma vez extinta a curiosidade passageira pela moda, sem leitores entre o público culto geral.”

E vaticina em favor do retorno da narrativa e de um tipo de temática e enfoque:

“O renascimento da narrativa trará consigo o renascimento da história, não como ciência social, mas como *disciplina literária*. Como tal, a história reabilitará o seu **terreno de pesquisa tradicional — a política, as grandes figuras, as instituições, a história do pensamento e das ideias, a diplomacia e as relações internacionais, a história militar e constitucional**. Nenhuma das grandes questões, nenhuma das perguntas importantes que há a formular em qualquer destes terrenos, é susceptível de ser respondida em termos que deixem o historiador inteiramente descomprometido. Não há para este tipo de interrogações respostas ditas «científicas», isto é, que sejam «verdadeiras» independentemente das preferências, dos valores, da *Weltanschauung* do historiador (...).Muito pelo contrário, porque aquilo que o historiador sente e gosta, é precisamente o que lhe permite **julgar homens, avaliar factos, ponderar situações**, por forma a determinar o que é que foi a causa de quê. (...) Creio que é isto o que a história é e pode ser: *uma disciplina literária que exprime uma opinião informada sobre o mundo*.” (p. 628-630, os grifos são meus)

O que BONIFÁCIO (1993) propõe é uma historiografia **literária, midiática, elitista-institucional e explicitamente parcial**, ou seja, que seja escrita com rigor verbal, simplicidade, clareza e elegância, que possua a capacidade de seduzir leitores não iniciados e diletantes, que enfoque grandes vultos, grandes eventos e grandes questões, e que expresse um juízo a respeito daquilo que enfoca.

Em 1999 BONIFÁCIO publicou dois trabalhos em que a questão da narrativa e da história política são abordadas a partir de sua perspectiva, que podemos chamar aqui de “Nova” História Política<sup>9</sup>, o artigo “A narrativa na ‘época pós-histórica’”, sobre

---

<sup>9</sup> Nos trabalhos abordados em diversos momentos BONIFÁCIO se utiliza de expressões como “história-

historiografia na pós-modernidade, e o livro *Apologia da História Política: estudos sobre o século XIX português*, no qual, precedendo a dois textos analíticos sobre o século XIX lusitano há uma exposição promenorizada sobre os impasses da história como ciência, o retorno e a história política narrativa.<sup>10</sup>

Assim como em trabalhos anteriores BONIFÁCIO (1999) se utiliza de afirmações provocativas como no preâmbulo no qual afirma que “as ‘teorias’ do historiador são quase sempre generalizações de senso comum, semelhantes àquelas com que interpretamos a nossa própria experiência de vida” (p. 10) e deixa claro o aspecto auto-reflexivo de seu ensaio (“simples reflexão pessoal sobre o tipo de história que faço, o estatuto disciplinar que se lhe adequa e a legitimidade intelectual que lhe assiste”).

Nesse preâmbulo BONIFÁCIO explicita a grande questão que justifica a sua argumentação:

“E no centro desse argumento encontra-se a afirmação de que está longíssimo de ser líquido que a Nova História ou História-Ciência-Social se tenha tornado científica, nada autorizando, por conseguinte, quem em nome dessa cientificidade, afinal tão contestável e contestada, se haja proscrito a história política narrativa debaixo da falsa alegação de que ela nada explicaria.”

Em nota de rodapé a autora afirma, que “existem valiosos estudos sobre a história das idéias e da cultura” do século XIX português, mas que não explicam como “a mudança nas idéias e na cultura influenciava a vida política concreta.” (BONIFÁCIO, 1999, p. 13)

É ilustrativo artigo de HESPANHA (2002, p. 16-17) no qual afirma que o gênero biográfico sofre uma recente valorização na historiografia lusitana, identificando como catalisadora de tal tendência a produção de Vasco Pulido Valente, como os livros *Glória: biografia de J. C. Vieira de Castro* (2001), *Marcello Caetano: As desventuras da razão* (2002), e *Um herói português: Henrique Paiva Couceiro (1861–1944)* (2006),

---

ciência”, “história-ciência-social”, “história científica” para se referir a abordagem a qual se contrapõe, o que em termos retóricos cria uma falsa dicotomia entre o seu discurso e uma homogeneidade historiográfica idealizada, embora com certeza a historiografia portuguesa contemporânea tem uma riqueza e amplitude que ultrapassa qualquer modelo bi-dimensional.

<sup>10</sup> O artigo foi originalmente publicado em *Análise Social*, no. 150, 1999, p. 11-28, e posteriormente publicado como capítulo do livro *Estudos de História Contemporânea de Portugal*, sendo referenciado aqui como BONIFACIO (2007A).



e como produção teórica as obras de Maria de Fátima Bonifácio, a qual aponta a necessidade de se produzir uma história política narrativa capaz de contemplar a liberdade e autonomia relativas dos indivíduos como atores conscientes da história – perspectiva que é afirmada como estatuto epistemológico e disciplina legítima em um longo ensaio, *Apologia da História Política*, de 1999.<sup>11</sup>

HESPANHA questiona as referências teóricas desses autores que, segundo ele, optam pela “recusa de esquemas interpretativos ‘fortes’, daqueles usados pelos cientistas sociais dos vários matizes, substituindo-os por uma interpretação ‘evidente’ (pelo menos, de ‘senso comum’), do gênero daquela que nós usamos para nos orientarmos na vida” e pela perspectiva de que “são os homens concretos - e não os desenvolvimentos anônimos das ‘estruturas’ - que modelam a história”.

Tal forma de biografismo, ainda segundo o autor, tem seus limites claramente definidos ao limitar-se a um "grande biografado" que na verdade é reduzido a um “personagem ideal que nunca foi, que nas condições não poderia ter sido e que porventura nem sequer quis ser” além de estabelecer uma hierarquia entre modelos narrativos (ou de retórica) de historiografias de diferentes países (sendo modelares a Inglaterra, a Prússia e a França em contraste com Portugal).

As objeções de HESPANHA (2002 e 200X), e as defesas de BONIFÁCIO (1993, 1999A e 2001) refletem as tensões no campo historiográfico, onde diferentes discursos buscam a auto-legitimação ou para impedir a perda de espaços conquistados ou para estabelecer novos domínios.

Embora a argumentação de BONIFÁCIO faça eco com as palavras de STONE, e a própria definição de narrativa de ambos seja muito semelhante<sup>12</sup>, sua proposta fica aquém das idéias do historiador britânico, pois este estabelece uma clara ruptura entre

---

<sup>11</sup> A crítica ao empobrecimento da história política pelos enfoques originados pela influência do estruturalismo dos *Annales* também se manifesta na historiografia norte-americana, como em *The new history and the old* (1987), da historiadora Gertrude Himmelfaib (especialmente o capítulo "History with the politics left out"). (FERREIRA, 1992) Um texto fundamental ao tentar superar essa limitações pela rediscussão de metodologias e enfoques da História Política é a coletânea organizada por REMOND (1996).

<sup>12</sup> Afirma STONE (1991, p. 13-14) que a “narrativa aqui designa a organização de materiais numa ordem de seqüência cronológica e a concentração do conteúdo numa única estória coerente, embora possuindo sub-tramas”, e BONIFÁCIO (1991, p. 626) reafirma que como “construção dramática, a narrativa pressupõe a seleção e ordenação dos factos numa seqüência de relações com pertinência significativa, constituindo, por isso, a forma natural da explicação histórica.”

os modelos clássicos da narrativa, do século XIX, e aquela que ele propõe para o século XX e XXI, propondo a articulação do particular e do geral, para além de maniqueísmos<sup>13</sup> enquanto a historiadora lusitana busca abençoar o retorno de uma “velha história”.

## Conclusão

Entre “doxas” e “dogmas”, a questão da narrativa deve ser colocada de uma forma menos passional, pois como assinala CHARTIER (1994), a partir da influência de Paul Ricoeur, a questão da volta da narrativa deve ser relativizada uma vez que esta nunca deixou de existir pois princípios narrativos sempre delimitaram a produção historiográfica, qualquer que seja a sua matriz discursiva (seja ela positivista, estruturalista ou marxista) pois o historiador trabalha com elementos que só podem ser compreendidos a partir de um enredo que traduz a dimensão temporal.

CHARTIER, portanto, afirma que não é o retorno da narrativa mas a afirmação de novas práticas narrativas, cuja utilização não eram consideradas pela historiografia, particularmente aquelas ligadas à literatura, e que juntamente consigo faz surgir um questionamento de modelos já consagrados de narrativa histórica.

STONE (1991) contrasta história estrutural e história narrativa, afirmando que

“A história narrativa se distingue da história estrutural por dois aspectos essenciais: sua disposição é mais descritiva do que analítica e seu enfoque central diz respeito ao homem e não às circunstâncias. Portanto ela trata do particular e do específico”. (p. 13-14)

As disputas pela narrativa produzem, com certa recorrência, polêmicas envolvendo não só a questão de sua legitimidade no interior da historiografia, com críticas veladas ou explícitas aos métodos e conteúdos dos historiadores entre si, como

---

<sup>13</sup> STONE (1991, p. 31-32) identifica cinco pontos fundamentais para orientarem uma “nova narrativa”: o interesse “nas vidas, sentimentos e comportamentos dos pobres e obscuros, ao invés dos grandes e poderosos”, a o vínculo dos textos de forma pendular “tanto a análise quanto a descrição”, a utilização de “novas fontes”, a abertura à influência “pelo romance moderno, pelas idéias de Freud e pela Antropologia”, e, ainda, “contam a estória de uma pessoa, um julgamento ou um episódio dramático, não por ele mesmo, mas para lançar luz ao funcionamento interno de uma cultura e uma sociedade do passado”

também entre estes e alguns vizinhos, como os jornalistas, quando os primeiros atacam os segundos pela sua falta de método e documentação em contraste com o excesso de imaginação, e os segundos atacam os primeiros pelas limitações do estilo escolástico e do exagerado empiricismo.<sup>14</sup>

Com certeza a preocupação dos jornalistas com a pesquisa e a factibilidade e dos historiadores com o estilo e a narrativa seriam ganhos mútuos significativos.

O escritor português José Saramago, que em diversas obras se utilizou de referenciais históricos, reconheceu algumas mudanças no plano historiográfico ao afirmar que

“parece legítimo dizer que a História se apresenta como parente próxima da ficção, dado que, ao rarefazer o referencial, procede a omissões, portanto a modificações, estabelecendo assim com os acontecimentos relações que são novas na medida em que incompletas se estabeleceram. É interessante verificar que certas escolas históricas recentes sentiram como que uma espécie de inquietação sobre a legitimidade da História tal qual vinha sendo feita, introduzindo nela, como forma de esconjuro, se me é permitida a palavra, não apenas alguns processos expressivos da ficção, mas da própria poesia. Lendo esses historiadores, temos a impressão de estar perante um romancista da História, não no incorreto sentido da História romanceada, mas como o resultado duma insatisfação tão profunda que, para resolver-se, tivesse de abrir-se à imaginação.” (SARAMAGO, 1990, p. 15)

Em entrevista na qual foi questionado sobre sua trajetória intelectual o historiador português Fernando Catroga reconhece o preconceito contra a biografia, ou os temas nos quais explicações estruturais não ocupavam uma obrigatória centralidade:

“Como eu vinha de uma formação filosófica, o campo da História que mais me interessou foi o da História Cultural. Este estava sob um olhar suspeito por parte dos que acreditavam haver um paradigma único ou uma via única de acesso à verdade, e para quem o cultural era um mero epifenômeno do infraestrutural. (...) A história política padecia (desse preconceito), bem como a história biográfica e toda aquela que, depois dos anos 70, parece ter ressuscitado sob o lema do 'regresso', dignificando temas e perspectivas que tinham sido depreciados, como se fossem a efêmera espuma da onda.” (FERREIRA, 2009)

---

<sup>14</sup> Exemplo dessa tensão, no Brasil, é a forma como historiadores tecem críticas mais ou menos contundentes ao trabalho de divulgação histórica desenvolvido por jornalistas, como Fernando Moraes, Eduardo Bueno, Laurentino Gomes, entre outros. No caso de obras de Fernando Moraes, o jornalista que escreveu biografias da militante comunista Olga Benário (1985), do jornalista Assis Chateaubriand (1994), entre outras, nas quais a sólida pesquisa documental é acompanhada de “licenças poéticas” (“interferências sem prova por parte do autor”) permitem ARRUDA (1999b, p. 81) classificá-las de forma segura como “romances históricos”.

Tais preconceitos parecem estar sendo superados, de modo que tradição e inovação se encontrem, pois historiadores de diferentes orientações teórico-metodológicas participaram de um projeto de biografias, no qual manteve-se um padrão clássico – o foco no grande vulto – no caso, os reis portugueses (de D. Afonso, no século XII, até D. Miguel, no século XIX)<sup>15</sup>, ao mesmo tempo em que se propõe o lançamento das biografias das rainhas, mas fugindo da hagiografia cívica, buscando um panorama geral do período.

## BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, José Jobson. O Trágico 5º. Centenário da Descoberta do Brasil: comemorar, celebrar, refletir, Bauru, EDUSC, 1999a.

ARRUDA, José Jobson. TENGARRINHA, José Manuel. Historiografia Luso-Brasileira Contemporânea. Bauru: EDUSC, 1999b.

BEBIANO, Rui. (2002). “A História como Poética”. In: As Oficinas da História, Lisboa: Edições Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002, p. 47-70. (Disponível em < <http://ruibebiano.net/docs/hpoetica.pdf> >, Visitado em 13/01/2012.

BOAS, Sérgio Vilas. “Metabiografia e Arte: um problema de aproximação”, In: Comunicarte. São Paulo: s/d. p.73-89.

BOAS, Sérgio Vilas. Biografias & biógrafos. São Paulo: Summus, 2002.

BOAS, Sérgio Vilas. Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida. S. Paulo, UNESP, 2008.

BOAS, Sérgio Vilas. Jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

BONIFÁCIO, Maria de Fátima. “A narrativa na ‘época pós-histórica’”, In: Estudos de História Contemporânea de Portugal, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007A, p. 219-239.(originalmente publicado em *Análise Social*, no. 150, 1999, p. 11-28)

BONIFÁCIO, Maria de Fátima. “Biografia e conhecimento histórico”, In: Estudos de História Contemporânea de Portugal, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007B, p. 241- 253.(originalmente apresentada como comunicação oral no IV Seminário Livre do Instituto de História Contemporânea, da Universidade Nova de Lisboa, em 2001)

BONIFÁCIO, Maria de Fátima. “O abençoado retorno da velha história”, In: *Análise Social*, vol. XXVIII (122), 1993 (3.º), 623-630.

BONIFÁCIO, Maria de Fátima. Apologia da história política: estudos sobre o século XIX português. Lisboa: Edições Quetzal, 1999.

---

<sup>15</sup> Desde 2005 inicia-se o projeto de publicação de 34 biografias de todos os reis portugueses, com edição do Círculo de Leitores (CL), coordenação científica dos historiadores Artur Teodoro de Matos e João Paulo Oliveira e Costa, e direção de Roberto Carneiro, presidente do Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, da Universidade Católica. Participaram, entre outros, Fernanda Olival, Nuno Monteiro, Ângela Barreto e Pedro Cardim, Fernando Dorcas Costa e Jorge Pedreira, entre outros. Sobre a coleção, ver < <http://www.ucp.pt/site/custom/template/ucptplminisite.asp?SSPAGEID=1948&lang=1&artigoID=1979> > Visitado em 18/06/2010.

- CATROGA, Fernando, Memória, história e historiografia, Coimbra, Quarteto Editora, 2001.
- CATROGA, Fernando. “Memória, História e Historiografia”, In: As Oficinas da História, Lisboa: Edições Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002, p. 41-43.
- CATROGA, Fernando. Ritualizações da História. In: TORGAL, Luís Reis, MENDES, José Amado, CATROGA, Fernando. História da História em Portugal. Sécs. XIX-XX. Lisboa: Editora Círculo, 1996, p. 547.
- CHARTIER, Roger. “A história hoje: dúvidas, desafios, propostas”. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, v. 7, nº 13, 1994.
- CUNHA, Carlos M. F. “Silêncio e silenciados da memória das nações”, In: MACEDO, Ana Gabriela. KEATING, Maria Eduarda. O Poder das Narrativas, As Narrativas do Poder. Colóquios de Outono 2005-2006. Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, 2007a, p. 17-24.
- DIGNEFFE, Françoise, Do individual ao social: a abordagem biográfica. In Luc Albarello et alli. Práticas e métodos de investigação em ciências sociais. Lisboa: Editora Gradiva, 2005, 203-245
- FALCON, Francisco. “Governança pombalina e luzes nos trópicos. Entre polêmicas e interpretações: alguns aspectos do período pombalino”, In: Revista História das Idéias, Coimbra, no. 29, p.
- FALCON, Francisco. Historiografia Portuguesa Contemporânea: um ensaio histórico-interpretativo, In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p.79-99.
- FERNANDES, Rogério. António Sérgio: Notas Biográficas. Rev. Lusófona de Educação, 2008, no.12, p.13-28.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. “A nova 'velha história': o retorno da história política”.In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, nº. 10, 1992, p.265-271.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Entrevista com Fernando Catroga. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 29, n. 58, Dec. 2009 . Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882009000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882009000200010&lng=en&nrm=iso) >. Visitado em 14/04/2010.
- FIALHO, Maria do Céu Fialho. JIMÉNEZ, Aurélio Pérez. FERREIRA, José Ribeiro. O Retrato e a Biografia como estratégia de teorização política. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004.
- GARRIDO, Álvaro. Henrique Tenreiro - Uma Biografia Política. ed. Temas e Debates/ Círculo de Leitores
- GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”, In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 13-41.
- GODINHO, Vitorino Magalhães;Ensaio, III. Sobre Teoria da História e Historiografia , Sa da Costa, Lisboa, 1971.
- HESPANHA, António Manuel, "A emergência da história", Penélope, nº 5, 1991, p. 9-25.
- HESPANHA, António Manuel, "História e sistema: interrogações à historiografia pós-moderna", Ler História, nº 9, 1986, p. 65-84.
- HESPANHA, António Manuel, "O género biográfico em curso", História, III Série, Ano XXIV, nº 41, Janeiro de 2002, p. 16/17.
- HOMEM, Armando Luís de Carvalho. “Os Historiadores, esses desconhecidos”, In: Revista Portuguesa de História, XXIX (1994), pp. 33-53., Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Historia Economica e Social, 1994
- HOMEM, Armando Luís de Carvalho. “Revistas universitárias de História no Portugal do século XX”, In: Revista de História das Ideias, 18 (1996), pp. 339-372., Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Historia e Teoria das Ideias, 1996
- HOMEM, Armando Luís de Carvalho. “Revistas universitárias de História no Portugal do século XX”, Revista de História das Idéias, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Historia e Teoria das Idéias, no. 18, 1996, p. 339-372.

- HOMEM, Armando Luís de Carvalho; «Historiadores (Os), esses desconhecidos», Revista Portuguesa de História, XXIX (1994), pp. 33-53., Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Historia Economica e Social, 1994
- MARQUES, A. H. de Oliveira [Ed.]; Antologia da Historiografia Portuguesa, 2 vols., 2. ed., Europa; America, Mem Martins, 1983
- MARQUES, A. H. de Oliveira, COELHO, Maria Helena da Cruz; DIAS, João J. Alves; ROSAS, Fernando; FRANÇA, José-Augusto. "Historiografia portuguesa", In: Portugal Moderno: Artes e Letras, dir. J.-A. FRANÇA, pp. 189-207., Pomo, Lisboa, 1991
- MARQUES, A. H. de Oliveira, COELHO, Maria Helena da Cruz; DIAS, João J. Alves; ROSAS, Fernando; FRANÇA, José-Augusto; «Historiografia portuguesa», in Portugal Moderno: Artes e Letras, dir. J.-A. FRANÇA, pp. 189-207., Pomo, Lisboa, 1991
- MARQUES, A. H. de Oliveira; Ensaios de Historiografia Portuguesa, Palas, Lisboa, 1988
- MARTINS, Fernando. Historiografia, biografia e ética. Anál. Social, Jul 2004, no.171, p.391-408.
- MATOS, Sérgio Campos. Historiografia e memória social (1945-2000): Balanço e perspectivas futuras. In: ARRUDA, José Jobson, FONSECA, Luís. Brasil-Portugal: História, agenda para o milênio. Bauru, SP: EDUSC, 2001, p. 537-558.
- MENDES, J. AMADO. "Caminhos e problemas da historiografia portuguesa", In: TORGAL, Luís Reis; MENDES, José Amado; CATROGA, Fernando. História da história em Portugal séculos XIX-XX. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996. Vol II, p. 17-83.
- MENDES, José M. Amado. "A História Econômica e Social nos últimos vinte anos: principais tendências e metodologias", In: Revista Portuguesa de História, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / Instituto de História Econômica e Social, tomo XXIX, 1994, p. 1-32.
- NUNES, João Paulo Avelãs. "A História Econômica e Social na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O historicismo neo-metódico: ascensão e queda de um paradigma historiográfico, 1911-1974". Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1995.
- NUNES, João Paulo Avelãs; História (A) Econômica e Social na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O historicismo neo-metódico: ascensão e queda de um paradigma historiográfico, 1911-1974, Instituto de Inovação Educacional, Lisboa, 1995
- PAIS, Amélia Pinto. Para compreender Fernando Pessoa, 1ª ed., Porto, Areal Editores, 1999.
- PEREIRA, Miriam Halpern. "A História e as Ciências Sociais", In: Ler História, Lisboa / ICSTE, no. 49, 2005, p. 5-29.
- PINHEIRO, Magda. "Os arquivos familiares e a biografia: dos perigos da abundância", In: Olhares cruzados entre arquivistas e historiadores. Mesas redondas na Torre do Tombo. Lisboa: Instituto dos Arquivos / Torre do Tombo, 2004, p.151-155.
- QUADROS, António - Fernando Pessoa - vida, personalidade e génio, Col. Estudos Portugueses, n.º 15, 2ª ed., Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1984.
- RÉMOND, René. Por uma história política: Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.
- SANTOS, João Camilo dos. "A literatura portuguesa contemporânea", In: PINTO, Antonio Costa. ET alii. Portugal Contemporâneo. Lisboa: D. Quixote, 2004, p. 217-249.
- SARAMAGO, José. "História e ficção". In: Jornal de Letras, Artes e Idéias. Lisboa: s/e, 1990, pp. 7-19.
- STONE, Lawrence. "The Revival of Narrative: Reflections on a New Old History", In: Past and Present, 85, nov. 1979, p. 3-24
- STONE, Lawrence. "O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história". In: Revista de História. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991, p. 13-37.
- TEIXEIRA, Nuno Severiano. "A História Política na Historiografia Contemporânea", In: Ler História, nº 13, Lisboa: ISCTE, 1988, p. 77 a 102.

- TENGARRINHA, José Manuel. “A Historiografia Portuguesa pós-74”, In: ARRUDA, José Jobson. TENGARRINHA, José Manuel. *Historiografia Luso-Brasileira Contemporânea*. Bauru: EDUSC, 1999b, p. 111-189.
- TORGAL, Luís Reis, *História e ideologia*, Coimbra, Livraria Minerva, 1989.
- TORGAL, Luís Reis. “O Poder da História”, In: *As Oficinas da História*, Lisboa: Edições Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002, p. 177-185
- TORGAL, Luís Reis. *Cinema sob o olhar de Salazar*. Lisboa: Temas e Debates, 2001.
- TORGAL, Luís Reis; MENDES, José M. Amado; CATROGA, Fernando. *História da História em Portugal: séculos XIX-XX*, Circulo de Leitores, Lisboa, 1996.
- TORGAL, Luís Reis; MENDES, José M. Amado; CATROGA, Fernando; *História da História em Portugal: séculos XIX-XX*, Circulo de Leitores, Lisboa, 1996.
- VASCONCELOS, Mario Cesariny de. *Louvor e simplificação de Álvaro de Campos*. Lisboa: Contraponto, 1953.
- VAZQUEZ DE PRADA, V.; OLÁBARRI, I.; FLORISTAN, A. (Ed.); *Historiografia (La) en Occidente desde 1945. Actitudes, tendencias y problemas metodologicos*, EUNSA, Pamplona, 1985.
- VIEIRA, R. *Vidas revividas: etnografia, biografias e a descoberta de novos sentidos*. In Telmo H. Caria (org.) *Experiência etnográfica em ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento, 1998, p. 77-95
- WHEELER, Douglas L. “Aprender Uma Nova Língua”: D. Carlos e a Arte da Biografia Histórica, In: *Relações Internacionais*, Dez 2008, no.20, p.155-159.